

ENTRE O ENSAIO E A FICÇÃO: O PROJETO LITERÁRIO DE ANA MARIA MACHADO

BETWEEN ESSAY AND FICTION: ANA MARIA MACHADO'S LITERARY PROJECT

Diana Navas
Gabriela Trevizo Gamboni
PUCSP

Resumo: Este artigo se propõe, a partir da seleção de um conjunto de obras, a evidenciar o diálogo estabelecido entre a produção literária e a produção ensaística de Ana Maria Machado, verificando como ambas, apoiando-se em valores semelhantes, revelam um projeto pautado na valorização da leitura literária. Para a realização deste intento, evidenciaremos três linhas mestras que percorrem a produção da autora – o feminino, a valorização da herança cultural, e a necessidade de desenvolvimento de uma consciência política e social – a partir de uma leitura paralela da obra ensaística e ficcional da autora, tentando evidenciar como as reflexões críticas são incorporadas em suas narrativas ficcionais, e como ambos discursos se entrecruzam, revelando um projeto literário alicerçado por valores que concebem a leitura literária como caminho essencial para o processo de formação do ser humano.

Palavras-chave: Crítica; Ficção; Projeto Literário; Leitura literária.

Abstract: *This article proposes, based on the selection of a set of works, to highlight the dialogue established between the literary production and the essay production by Ana Maria Machado, verifying how both, based on similar values, reveal a project based on the valorization literary reading. For the realization of this intention, we will highlight three main lines that run through the author's production - the feminine, the valorization of the cultural heritage, and the need to develop a political and social conscience - from a parallel reading of the essay's fictional and fictional work. author, trying to show how critical reflections are incorporated in her fictional narratives, and how both discourses intertwine, revealing a literary project based on values that conceive literary reading as an essential path for the process of human formation.*

Keywords: *Criticism; Fiction; Literary Project; Literary reading.*

1. ANA MARIA MACHADO: UMA VOZ INCONTORNÁVEL NA LITERATURA BRASILEIRA

Nascida no Rio de Janeiro, em 1941, Ana Maria Machado é uma das mais versáteis e completas escritoras brasileiras. Sua estreia na literatura, no início dos anos 70, representa um indiscutível marco na produção preferencialmente endereçada a crianças e jovens leitores. Se, durante muito tempo, o que se evidenciava nas obras infantis e juvenis brasileiras era um viés essencialmente pedagógico, instrumental, a autora – juntamente de nomes, como o de Ruth Rocha, Lygia Bojunga, Eva Furnari, João Carlos Marinho, dentre outros – imprime a esta produção um caráter estético, elevando, em termos quali e quantitativo, os livros destinados aos jovens leitores.

Com mais de cem obras publicadas no Brasil – e também em dezessete países –, a autora recebeu diversas premiações nacionais e internacionais, das quais se destacam o Machado de Assis – maior prêmio literário brasileiro, em 2001, pelo conjunto de sua obra; e o *Hans Christian Andersen*, concedido pela *International Board on Books for Young People* (IBBY), considerado o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil. Não ocasionalmente, Ana Maria Machado ocupa a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, a qual presidiu de 2011 a 2013.

Em sua vasta criação ficcional, deparamo-nos com traduções e adaptações, obras infantojuvenis e destinadas a adultos. Trata-se de histórias cheias de significados, nutridas de ambivalência e rupturas, mergulhadas no simbólico e que se entrecruzam no próprio ato da leitura, porque nascem de uma dinâmica de rompimento de barreiras, sejam eles em termos temáticos ou de estruturação da narrativa. O questionamento – marca da escrita de Machado - se lança às relações sociais e aos temas que delas advêm: a solidariedade e amizade, a liberdade e escravidão, a repressão e o exílio, a busca pelo crescimento pessoal e a construção do eu, a magia e o imaginário, o cotidiano e a família, o amor, a condição feminina e a diversidade cultural. Outra marca muito forte nas obras de Ana Maria Machado é a sensibilidade com que legitima os silenciados, os excluídos e marginalizados. Além disso, é frequente em sua obra o tema da leitura e escrita, expandido no emprego de múltiplos recursos linguísticos, na versatilidade da linguagem literária e na humanização do leitor, pautados no profundo respeito que demonstra ter em relação à criança e ao jovem.

Seu exímio trabalho, no entanto, não se limita à elaboração de ficções. Ana Maria Machado é também detentora de uma significativa obra ensaística, na qual se evidencia uma autora consciente e que se posiciona em relação à produção artística. Para ela, o papel da crítica é fundamental, porque é parte integrante do universo da criação: um texto criativo não se esgota em uma leitura de dicionário, filológica, preocupada em decifrar o sentido literal do texto. Pelo contrário, uma criação artística é densa, funda e inesgotável, construída a partir de uma linguagem plurissignificativa e repleta de potencial. Desta forma, a autora afirma que a crítica deve ser criadora e digna, usando a linguagem de maneira que, ao explorar a obra, compreenda-a como aberta e cheia de sentidos, de modo a colaborar também na composição dessa criação, dando-lhe sombra e volume. Concebida como uma espécie de provocação, de um estímulo sedutor que provoca no crítico o desejo de escrever também, a autora assegura que a crítica, vista a partir desta perspectiva, contribui com a

criação, uma vez que dela pode participar, haja vista estar relacionada mais com o prazer de escrever e refletir, do que com a tarefa de condenar ou exaltar, estabelecendo um “juízo final”.

É este diálogo – entre a escritora e a crítica – que almejamos aqui estabelecer. Objetivamos evidenciar, paralelamente, as linhas mestras na obra crítica e ficcional de Ana Maria Machado, de modo a compreender como ambos discursos se entrecruzam, revelando o projeto literário da escritora. A obra crítica de Ana Maria Machado é vasta e se desenvolve em oito livros: *Contracorrente* (1999), *Texturas: sobre Leituras e Escritos* (2001), *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), *Recado do Nome* (2003), *Ilhas no tempo: algumas leituras* (2004), *Romântico, sedutor e anarquista: como e por que ler Jorge Amado hoje* (2006), *Balaio: Livros e Leituras* (2007) e *Silenciosa Algaçarra* (2011). Em razão da extensão do presente estudo, voltaremos nossa atenção, no que concerne à produção crítica, às obras *Silenciosa Algaçarra* e *Texturas: sobre Leituras e Escritos* (2011), as quais condensam os valores críticos da autora, em especial, o valor que ela atribui à leitura literária. Enquanto corpus ficcional, elegemos *História meio ao contrário* (1978), *Bisa Bia Bisa Bel* (1982), *Era uma vez um tirano* (1982) e *De fora da arca* (1996), para que possamos resgatar os valores presentes tanto em sua obra ficcional, quanto ensaística.

2. ENTRE O ENSAIO E A FICÇÃO: OS VALORES NORTEADORES DO PROJETO LITERÁRIO DE ANA MARIA MACHADO

A leitura atenta da produção de Ana Maria Machado permite-nos observar a presença de algumas linhas mestras, as quais, se por um lado, são alvos de reflexão em seus textos ensaísticos, por outro, são incorporadas às narrativas ficcionais que elabora. Dentre elas, podemos, inicialmente, observar o valor atribuído ao feminino, que normalmente surge no contexto de sua produção como elemento transformado pela leitura, ou seja, a autora põe em cena a voz feminina e concebe a leitura como possibilidade de emancipação da mulher.

Em *Texturas: sobre leituras e escritos* (2001), Machado descreve a estreita ligação entre os trabalhos de tecer e escrever. Constatando a forte presença do feminino nas atividades têxteis, a autora menciona as barreiras que as mulheres enfrentam para triunfar no universo dos textos, apontando, no âmbito social, a exploração a que a mulher vem sendo submetida ao longo dos tempos, produzindo riquezas em condições de trabalho precárias, sem poder se apropriar dos seus resultados. Ela comenta que, durante muito tempo, a mulher, foi uma cidadã de segunda classe, com impedimentos de direitos elementares, ocupou uma posição submetida à vontade masculina e, no entanto, muitas ousaram e abriram clareiras na selva do preconceito, da discriminação e da ignorância. Diante dessa preocupação, temos em *Bisa Bia Bisa Bel* (1982), uma das mais conhecidas obras ficcionais da autora, mulheres ousadas: ao arrumar gavetas e caixas, Isabel encontra uma antiga fotografia de sua bisavó Beatriz, a Bisa Bia. Esse objeto abre um grande canal de comunicação entre a bisneta e a bisavó, cuja situação torna-se extraordinária para a menina, que encontra em Bisa Bia uma amiga e companheira para todos os momentos. Essa descoberta traz muita alegria para as duas, uma vez que reserva espaço para o confronto de valores: os conservadores, representados

pelas opiniões de Bisa Bia, e os inovadores, representados por Isabel. Enquanto, no pensamento de Bisa Bia, a distinção de gêneros é bem precisa, pois para ela existem coisas de meninas e coisas de meninos; no pensamento da jovem as coisas não são bem assim. Logo nos primeiros contatos, quando surgem as diferenças, Isabel percebe e comenta:

Só depois que eu fiquei conhecendo melhor Bisa Bia é que soube da verdade: ela não gosta de ver menina usando calça comprida, short, todas essas roupas gostosas de brincar. Acha que isso é roupa de homem, já pensou? De vez em quando ela vem com umas ideias assim esquisitas. Por ela, menina só usava vestido, saia, avental, e tudo daqueles bem bordados, e de babado. (MACHADO, 1982, p.11)

E mais à frente, é Bisa Bia quem fala:

- Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem comportada. (MACHADO, 1982, p.19)

Isabel, uma garota de doze anos que trava conhecimento, por meio do fantástico, com o seu passado e futuro, é capaz de perceber essas questões e de se posicionar diante delas, afirmando que não seguirá os padrões e não aceitará uma posição subalterna na sociedade. Beatriz também faz uma viagem ao passado. Esse processo fortalece e reafirma sua condição de igualdade, não permitindo que sua vida seja submetida ao comportamento machista que insiste em permanecer. Nessa obra, não sobra muito espaço para os homens, uma vez que a maioria das ações é conduzida pelas mulheres. A menina Isabel, sua mãe, sua bisavó Beatriz e a bisneta Beta ocupam e determinam as ações, e é só em papéis secundários que aparecem os homens, com pouco destaque, apoiando-se sempre na ação principal de Isabel e de suas companheiras. A menina não se rende às pressões da bisavó; insiste em se vestir como gosta e brinca com seus amigos, não distinguindo roupas e brincadeiras específicas para meninos e meninas. Essas contradições não as distanciam, ao contrário, fortalecem o relacionamento das duas, pois ambas respeitam as diferenças de opinião e não se impõem uma à outra. A menina justifica:

[...] os papos explicativos com Bisa Bia podem ser muito divertidos. Mas tem horas em que ela torra a paciência de qualquer um, eu fico com vontade de sumir, mas como é que a gente pode sumir para bem longe de alguém que mora com a gente dessa maneira, bem dentro mesmo? Ainda mais desse jeito dela, transparente e invisível para todo mundo [...]. (MACHADO, 1982, p.30)

Vale ressaltar que não é só com a bisavó que a menina Isabel enfrenta resistências quanto à sua liberdade de comportamento. Entre seus amigos, isso também acontece, encontrando o preconceito contra a plena atuação das mulheres. Apesar disso, a menina não se rende, demonstra ter coragem e ousadia superiores aos meninos, tanto que, em uma dessas incursões por goiabeiras,

Marcela, uma menina da turma que disputa com Isabel as atenções de Sérgio, diz não poder participar da aventura para não sujar a roupa e que aquilo não era coisa para meninas. Então, vão Isabel e Sérgio até as goiabeiras, saltam o muro e deparam-se com um cachorro: enquanto o menino demonstra medo, Isabel mantém a calma e domina o cachorro, pois, sem que Sérgio saiba, já era velha conhecida da casa. O desempenho de Isabel nesse episódio faz com que o garoto se encante por ela e que se aproximem, fato esse que gera mais uma divergência de opinião entre neta e bisneta, pois Bisa Bia afirma que “Menina de sua idade não devia estar pensando em namoros, isso não fica bem. Menina de sua idade deve é brincar de roda, fazer comidinha, pular amarelinha, costurar roupa de boneca...”. (MACHADO, 1982, p.39). Mas Isabel responde:

- Olha, Bisa Bia, quer saber de uma coisa? Isso tudo foi muito antigamente. Hoje em dia, é justamente o contrário. Menina do meu tamanho não casa, não. Mas namora se quiser, sabe? Namoro de menina, que é diferente de namoro de mulher maior, mas é namoro sim. E, na hora de casar, não são os pais que resolvem. É a gente mesma. (MACHADO, 1982, p.40)

Logo no início da narrativa, Isabel traça o perfil de sua mãe, diferenciando-a das demais: “Minha mãe é gozada. Não tem essas manias de arrumação que muita mãe dos outros tem, ela vai deixando as coisas espalhadas pela casa, um bocado fora do lugar.” (MACHADO, 1982, p.6). Para ela, a mãe representa a força feminina, o modelo de mulher emancipada, porém não se sabe a profissão, nem o estado civil dessa mãe, fato que deixa lacunas, ou seja, o leitor precisa preencher esses vazios que, segundo Iser (1996, p. 30), “constituem uma precondição fundamental da comunicação, porque intensificam nossa atividade ideacional”. No entanto, a protagonista vai construindo a imagem da mulher moderna representada por sua mãe. A narrativa só menciona o sobrenome da mãe de Isabel e o fato de ser sido casada, mas não se fala do pai na convivência familiar:

- Por que minha avó é Almeida e eu sou Miranda?
- Porque quando sua avó casou, ficou sendo Ferreira, e eu nasci sendo Ferreira. Mas quando casei, fiquei sendo Miranda, que é o sobrenome do seu pai.
- Mas eu quero ter o mesmo sobrenome de você, da vovó e da Bisa Bia.
- Não pode filha, cada uma de nós ficou com um sobrenome diferente. Mulher quando casa é assim.
- Não. Já resolvi. O nome é meu. Desde que nasci. Meu marido ainda nem me conhece. Não tem nada com isso. Mamãe olhou para mim com atenção e perguntou:
- E por que, Bel?
- Porque eu sou eu ora. (MACHADO, 1982, p.47)

Na perspectiva da autora, a construção estética consiste, dentre outros elementos, em convidar o leitor, seja ele criança ou não, a apreciar esse trabalho com as palavras e a imaginação, assim como faz em *Bisa Bia Bisa Bel*. Para tanto, Machado afirma que a literatura infantil necessita de alguns cuidados especiais, como o aspecto lúdico:

Escrevo porque gosto. Com meus textos, quero botar para fora algo que não consigo deixar dentro. E escrevo para criança porque tenho uma certa afinidade de linguagem. Mas não tenho intenção didática, não quero transmitir nenhuma mensagem, não sou telegrafista. Acredito que a função da obra literária é criar um momento de beleza através da palavra. Escrever para crianças talvez seja mais aberto, mais lúdico, mais perto da conotação e da poesia, mais polissêmico. E com certo compromisso com a esperança, que não existe quando se escreve para adultos. Mas basicamente não creio muito que as coisas se dividam entre adultos e crianças. (MACHADO apud BASTOS, 1995, p. 49)

Essa posição centrada no lúdico, “mais perto da conotação e da poesia”, enriquece a obra literária, ampliando a perspectiva do leitor, e é nesse sentido que a literatura preferencialmente endereçada a jovens leitores de Ana Maria Machado amplia ao invés de restringir. A identificação de um leitor infantil ou juvenil se dá por uma espécie de projeção da criança ou jovem na personagem com a qual se identifica, proporcionando uma sensação agradável de liberdade e pacificidade, assim como ocorre com a menina Isabel quando convida o leitor para adentrar na sua história, deixando-o à vontade ao estabelecer um pacto de confiança ao contar-lhe um segredo que mais ninguém sabe.

Ao se identificar com a protagonista, o leitor está, ao mesmo tempo, participando da história e atuando sobre ela, uma vez que a interpreta. Sua participação se dá por meio de um “leitor implícito”, que é compreendido como parte constitutiva da configuração textual, pois participa da composição do texto no momento em que este é escrito. O leitor exerce o papel de mediador, no sentido de fazer com que o autor só adquira plena consciência de sua obra por meio da reação que mantém com ela.

Sendo assim, as obras de Machado permitem ao leitor projetar-se na história narrada, colocando-se no lugar da personagem, vivendo uma nova experiência e enriquecendo-se interiormente. Ou ainda, distanciar-se da mesma história para voltar à sua realidade, podendo estabelecer comparações, enxergar as opções, enfim, um enriquecimento que a literatura pode conceder, quando revela sua crença no valor formador da literatura. Em vários momentos de *Bisa Bia Bisa Bel*, Machado proporciona essa interação texto/leitor, como, por exemplo, quando junto com a protagonista vai construindo a imagem da mulher moderna representada por sua mãe, relacionando-a à busca pela emancipação do feminino.

No decorrer da narrativa, o leitor é defrontado com questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, além de perceber o diálogo entre gerações, que se dá nas conversas que Bel desenvolve com a Bisa Bia, com a mãe e até mesmo com a Bisneta Beta:

Já imaginou que tristeza devia ser passar os dias esperando o marido e os filhos chegarem? Um monte de empregadas e só um trabalho pouco criativo dentro de casa? [...] O que eu acho é que é um trabalho que não transforma o mundo, não melhora as coisas, é só manter como estava, lavar para ficar limpo [...] Claro que educar filho é trabalho que transforma o mundo, mas isso é coisa que pai também faz, e mãe que trabalha fora também...! (MACHADO, 1982, p. 45-46)

Além do preenchimento mediante a projeção do leitor, existem outros fatores que configuram o caráter estético da obra, como é o caso do uso dos nomes próprios, que promove a identificação e a individualidade, já que os nomes resultam da exploração poética já presente no título “Bisa Bia Bisa Bel”. É através do jogo fonético, denominado com inteligência e sensibilidade, que Machado conota certa semelhança entre as personagens, reforçando também o grau de parentesco entre elas, haja vista que estamos diante de uma narrativa que relata a história de quatro mulheres da mesma família: Beatriz (bisavó de Isabel), a mãe de Isabel, a própria Isabel e sua bisneta Beta. A obra une as três pontas do tempo (passado, presente e futuro) que coexistem na protagonista Isabel, por meio das vozes de Bia e de Beta. O elo entre essas gerações é a fotografia e, em versão futurista, a holografia, as quais retratam a época em que foram feitas.

Tendo em vista tais informações, podemos afirmar que, nessa obra assim como em várias outras, Machado não se utiliza da ficção de forma utilitária. Em *Bisa Bia Bisa Bel*, é possível notar um caráter emancipatório do feminino, enfatizando a superação da assimetria adulto/criança, pois privilegia o trabalho estético e, por isso, valoriza seu jovem leitor. Essa valorização é percebida a partir da liberdade e autonomia que a personagem Bel adquire, agindo e refletindo sobre o mundo e sobre si mesma. A capacidade da autora de criar diferentes formas de linguagem faz desse texto um conjunto discursivo privilegiado, adequado ao leitor em processo de formação, isto é, trata-se de um texto do tamanho do leitor, que responde à necessidade de um esforço por parte da literatura infanto-juvenil de atingir sua maioria literária.

[...] à minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca. (MACHADO, 2002, p.19)

Além do valor atribuído ao feminino, uma outra linha mestra pode ser identificada na produção de Ana Maria Machado. Trata-se do resgate da tradição, da importância de valorizarmos nossa herança cultural, da qual a literatura é uma das mais importantes fontes de transmissão. Desde que o mundo existe e, nele, os seres humanos fazem sua morada, a História é construída a partir da relação entre esses seres e as coisas existentes. Tudo que sabemos hoje sobre o nosso passado histórico é fruto de uma herança cultural transmitida por nossos antepassados, por meio de informações que passaram de geração a geração, constituindo-se a literatura, neste viés, uma importante forma de perpetuação de toda nossa História. Na obra *Texturas: sobre leituras e escritos* (2001), Ana Maria Machado menciona a literatura como uma herança cultural, da qual todos nós temos direito. Em muitas obras ficcionais da autora, identificamos tal valor, uma vez que Machado é fortemente ligada às suas raízes, tanto a familiar como a cultural.

Na obra *De fora da arca* (1996), é possível notar duas referências à tradição: a primeira trata da história bíblica da Arca de Noé; e a outra, da família como forma de propagação da História

através de histórias. Nessa narrativa, ela se apropria de um aspecto marginal da história bíblica, ou seja, dos animais que não entraram na arca de Noé pelos mais variados motivos. A História de Noé é de conhecimento comum, pelo menos por parte dos povos que seguem a tradição hebraico-cristã. Trata-se de um homem temente a Deus, que vivia numa época em que as pessoas não queriam obedecer ao Senhor e só faziam o mal diante dos olhos do seu criador. Irado, Deus resolveu destruir a terra tão bela que havia feito para os homens. Chamou Noé e mandou-o construir uma arca na qual pudesse ficar toda a sua família e um casal de cada espécie de animais existentes na terra. Noé assim o fez.

Quando a arca estava pronta, os animais começaram a chegar. “Veio bicho de tudo que era lado”, o que deu o maior trabalho à família de Noé, pois tinham que cuidar de toda bicharada. Mas alguns animais foram deixados ou esquecidos do lado de fora da arca. Como fazer para que as futuras gerações se lembrassem deles após o dilúvio que mataria todos os seres vivos fora do grande do barco? Com exceção dos que podiam nadar – Machado ressalta, “feito peixe, camarão, caranguejo, lagosta” – e de quem era leve e podia voar pousando na arca de vez em quando – “feito garça, gaivota, mergulhão, flamingo” – os demais estariam fadados ao esquecimento.

É aqui, então, que aparecem as outras personagens desta história, que vão dividir com a narradora a tarefa de contar as histórias ao leitor. Esses personagens são a mulher, os filhos e as noras de Noé, que salvam os animais que não tiveram a mesma sorte dos que nela entraram. As vinte e uma espécies que ficaram de fora da arca só se salvaram na memória da família de Noé, cujos membros foram passando suas histórias para as gerações seguintes, retendo na lembrança pelo menos alguns dos nomes apresentados. E como Noé e sua família eram os únicos humanos em todo o planeta após o dilúvio, ficou fácil para eles transmitirem aquilo que tinham como herança, ou aquilo que eles queriam que se propagasse.

Diante da nova versão do mito bíblico, narrado por Machado, é possível notar o grande compromisso que ela tem com o passado, pois a tradição tem muita força na modernidade, principalmente por se tratar da História de um povo. Em *Silenciosa Alcazarra* (2011), ela faz pontua o papel da tradição na construção da herança cultural de todos:

[...] tenho sempre mantido um nítido compromisso com a preservação do patrimônio cultural – brasileiro ou universal. Reconheço que tudo o que escrevo é mesmo tecido de um diálogo entre imaginação, observação e memória. E me dou conta de que, com frequência, estou passando por cima desses limites que às vezes alguns tentam manter de pé como fronteiras intransponíveis – entre o real e o imaginário, entre o oral e o escrito, entre o popular e o erudito, entre o regional e o universal ou entre o infantil e adulto. (MACHADO, 2011, p.101)

Além da obra *De fora da arca* (1996), temos muitas outras que reforçam a tradição através do contador de histórias. Já vimos que em *Bisa Bia Bisa Bel* (1982), a autora apresenta uma história em que a menina encontra uma foto de sua bisavó quando criança e aprende a valorizar e respeitar os ensinamentos que vai recebendo dessa sua antepassada. Mesmo com a ausência da bisavó, que só é vista através da fotografia e da imaginação, Isabel aprende a conhecê-la. Com isso, é possível notar

os valores que acabam por passar de geração a geração, uma vez que a bisavó transmite a Isabel todo o conhecimento que fez parte de sua vida. Além disso, é importante ressaltar que Machado também coloca, nesse encontro de gerações, uma troca recíproca de informações específicas sobre cada tempo, o que instiga a curiosidade a respeito de cada época. Ambas visões de mundo retratadas no livro estão impregnadas de costumes estrangeiros da potência mundial dominante de cada época. No tempo de Bisa Bia, vemos a influência da cultura francesa: bibelô, plafoniê, bisotê, bombonier, etager. Já no tempo de Isabel, que é o tempo da narração, a influência estrangeira dominante é a americana, e os termos traduzidos ou abrigados vindos do inglês são um mistério para Bisa Bia “Porque naquele tempo não tinha ‘spray’ de matar insetos, quem disse que ela sabia o que era ‘coca-cola?’” (MACHADO, 1982, p. 26)

O valor da tradição aparece como indicador de manutenção – seja da família, da figura do contador de histórias, da cultura e dos saberes fundamentais ao humano. No que tange o valor à tradição, temos também em *História meio ao contrário* (1978), o resgate desse valor, atentando para a importância daqueles que nos antecederam: “a história dos filhos começa mesmo é na história dos pais. Ou na dos avós, bisavós, tataravós ou requetatataravós” (MACHADO, 1978, p. 4). Para ilustrar isso, Ana Maria Machado busca na cultura indígena uma prática rememorativa existente em muitas tribos, estabelecendo assim um vínculo com seus antepassados e cultuando a memória daqueles que são origem e, de certa forma, motivo de sua própria existência. O culto dessas origens de maneira simbólica torna-se um elo de identidade entre o passado e o presente.

Nota-se, na obra, uma crítica ao focalizar a importância dada pelo índio aos seus antepassados e à cultura, em contraste com o homem branco “que não liga para essas coisas” (MACHADO, 1978, p. 5) e, por isso, não sabe a história de seus pais, enfim, a sua própria origem. Aqui, a ironia se instaura, pois o narrador observa que a sociedade capitalista contemporânea é marcada por “sabedorias civilizadas”, tal como “escalação de time de futebol, anúncio de televisão, capitais de países, marcas de automóveis”. Além da referência à cultura indígena, existe ainda o destaque a outras histórias que integram o horizonte de escolhas pessoais dessa voz narrativa que se confunde com a voz autoral. A autora utiliza de certa intimidade e transparência com seu leitor ao falar ou contar, como se tratasse de uma conversa despreziosa: “Mas é que eu gosto muito de índios e piratas (por isso adoro a história de Peter Pan) e toda hora lembro deles”. Ao transformar esse leitor em cúmplice, operacionaliza-se também a incorporação dele no texto, que, para Iser (1996), acaba por ser uma interação bem-sucedida, pois a transferência do texto só obterá êxito se conseguir ativar certas disposições na consciência do leitor, ou seja, sua capacidade de apreensão e de processamento. Intencionalmente, portanto, Machado garante o vínculo com seu leitor por meio do passado, da cultura e da história narrada.

Se a boa leitura garante a possibilidade de ascensão social e a tomada de uma parcela de poder, desenvolvendo a capacidade de ler nas entrelinhas e pensar pela própria cabeça, pode ser muito perigoso para os privilegiados assegurar a imersão da população num ambiente de livros. (MACHADO, 2001, p.11)

Outra linha mestra na produção de Machado é a valorização de uma consciência político-social a ser desenvolvida por todos os cidadãos. Com uma produção inicial inserida no cenário ditatorial brasileiro, Ana Maria Machado, assim como outros autores a ela contemporâneos, encontrou na literatura infantil o espaço para expor seus questionamentos e protestos contra a política de repressão imposta pelo governo. Seus textos dirigidos ao público infantil e/ou adulto denunciam os abusos do poder e a realidade político social de um país que vive alienado graças à falta de contato com livros. É essa visão que aparece já no primeiro capítulo de *Silenciosa Algaçarra* (2011):

Só a possibilidade de leitura de literatura, distribuída pelo maior número possível de cidadãos, poderá reforçar a coletividade diante da manipulação do mercado, dos interesses políticos, dos fundamentalismos religiosos, das ambições pessoais de ditadores.

Sociedades que já são letradas há muito tempo têm anticorpos intelectuais mais desenvolvidos para enfrentar esses novos males. Sociedades menos acostumadas à leitura ficam muito mais vulneráveis e expostas. Aproximar as crianças de bons textos é também uma forma de fortalecer defesas e cuidar do futuro. (MACHADO, 2011, p.44 e 45)

Movida pelos acontecimentos e pelas condições de produção durante o período da ditadura militar, a escritora mobilizou-se como cidadã contra as ideias do aparelho repressor da época, escrevendo seus livros e ajudando a formar o entendimento e a consciência política de uma geração. *Era uma vez um Tirano* (1982) foi escrito após a sua anistia, embora ainda vigorassem as leis da ditadura, e traz a história de um país muito divertido que, por descuido ou preguiça, deixou-se dominar por um tirano. As armas que três crianças dispunham para combater sua tirania eram um arco-íris no bolso, uma canção no corpo e uma chuvarada de estrelas. A obra enfoca a relação com o poder político, mas o narrador demonstra preocupação em marcar a atemporalidade e o não-lugar, reforçando a ideia de que os fatos que serão contados podem ocorrer em qualquer lugar ou época.

Em *Contracorrente* (1999), Machado questiona o papel dos textos para crianças no que diz respeito à ideologia transmitida. Segundo a autora, na literatura infantil, muitas histórias reafirmam a dominação do mais fraco pelo mais forte, ensinando aos pequenos que os adultos sempre devem decidir. No entanto, a autora acredita que a literatura infantil, assim como qualquer outra literatura, enquanto forma de arte, tende a ser subversiva e questionadora mediante a autoridade, tanto que, nesta obra, as três crianças são os elementos fundamentais de contestação em relação aos abusos de poder por parte do Tirano. Assim, quando o narrador menciona as crianças, há uma espécie de recomeço com o uso da estrutura “Era uma vez”, e as três crianças descobrem-se diferentes entre si devido às cores da pele: “preta”, “rosada” e “cor de cobre”, fazendo referência à etnia brasileira. O despertar por parte da população, portanto, é provocado por essas três crianças, e cada uma delas é responsável por uma frente. É importante lembrar que uma das proibições do Tirano correspondia à arte, ou seja, “estava proibido cantar, dançar, tocar, batucar, representar, desenhar, pintar, inventar, escrever, ler, guardar papel escrito” (MACHADO, 1982, p. 14). A arte, desta forma, é apresentada como elemento transgressor, capaz de suscitar a revolução.

É interessante observar como as linhas mestras aqui citadas – o feminino, a tradição e a consciência política – estão, no conjunto da produção – ficcional e ensaística - de Ana Maria Machado, fortemente atreladas à valorização da leitura, em especial, a leitura literária. É muito comum encontrar, em suas histórias, escritores, artistas diversos, obras literárias, teóricos e instituições ligadas às letras. Além disso, são recorrentes os ambientes propícios à leitura representados, como bibliotecas, salas de aula, quarto de estudo, bem como temas que giram em torno da leitura, literatura, criação literária e construção de personagens questionadoras, por meio das quais a autora cria condições para que seus leitores reflitam sobre a potência do ato de ler. Frequentes são também as personagens que buscam a autoafirmação, e que passam por processo de transformação geralmente pela descoberta e pelo conhecimento adquirido a partir da leitura.

Em “A importância da leitura”, artigo do livro *Silenciosa Algarra* (2011), como sugere o próprio título, Machado enfatiza os aspectos negativos gerados pela falta de leitura, defendendo a tese de que quem não lê não desenvolve a própria inteligência e vive na ignorância. Afirma ainda que, no Brasil, se lê muito pouco, uma vez que a leitura não é considerada importante e, sem o exemplo de leitura, fica a sensação de que livro é coisa difícil, trabalhosa, que não compensa o esforço. Machado argumenta ser impossível uma criança alfabetizada, que tenha acesso a livros bons e interessantes, não se deliciar, uma vez que a curiosidade é instintiva e a constatação do encantamento, advinda do alimento da imaginação e do prazer através da leitura, promove a inteligência em atividade. No entanto, conforme defende a autora, é necessário deixar essa criança à vontade, conforme suas preferências, não impondo leituras como dever e obrigação, para que elas não fiquem na defensiva.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme buscamos demonstrar, a leitura paralela da obra ficcional e ensaística de Ana Maria Machado coloca-nos diante de uma escritora que tem consciência do papel desempenhado pela leitura literária no processo de formação do indivíduo e que, em razão disso, mais do que refletir criticamente em torno de questões como o papel da mulher, o valor da herança cultural e da necessidade de consciência política em seus textos ensaísticos, incorpora-os em sua produção ficcional.

O tratamento destes temas, no entanto, não ocorre, em suas obras, de forma moralizante, doutrinadora. Ao contrário. O que se verifica é, por meio de um exímio trabalho *com e na* linguagem, a possibilidade de o jovem leitor – a partir das diferentes vozes que ecoam nos textos de Ana Maria Machado – escolher o seu posicionamento e, assim, a possibilidade de conquistar a sua autonomia e desenvolver-se criticamente diante da realidade que o cerca.

Reconhecendo o potencial que existe na arte – e, em especial, na literatura – a autora, mais do que refletir acerca disso teoricamente, oferece aos seus leitores textos que o permitem refletir, sentir, pensar, divertir-se, o que é feito não apenas por meio de temáticas que fazem parte do cotidiano de seus leitores – e que, portanto, geram identificação com a obra, mas por meio de uma

linguagem literária cuidadosamente trabalhada. Valendo-se do diálogo, que confere dinamismo às narrativas, do emprego de termos e expressões inusitadas, de poemas e cantigas de roda, trovas populares e trava-línguas, brincadeiras e lúdicos jogos poéticos com frequentes alusões a cantigas e poemas que resgatam costumes e festejos da tradição popular, os quais proporcionam ritmo e musicalidade aos seus textos, Ana Maria Machado convida o seu leitor a tomar contato com um texto aberto à pluralidade de sentidos e, a construir, a partir dele, o seu próprio discurso.

Estamos, assim, diante de uma escritora consciente não apenas do seu papel, mas do papel da leitura literária no processo de humanização e formação de cidadãos, capazes não apenas de ler os seus textos, mas de ler o mundo que os cerca.

REFERÊNCIAS

BASTOS, D. (Org.). *Ana & Ruth: vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

ISER, W. *O ato da leitura, uma teoria do efeito*. Trad. Johannes Kretschme. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1996.

ISER, W. *O ato da leitura, uma teoria do efeito*. Trad. Johannes Kretschme. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, A. M. *Silenciosa Algaçarra*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

MACHADO, A. M. *Balaio – Livros e Leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MACHADO, A. M. *Romântico, sedutor e anarquista – Como e por que ler Jorge Amado hoje*. São Paulo: Objetiva, 2006.

MACHADO, A. M. *Ilhas no tempo: algumas leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

MACHADO, A. M. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. São Paulo: Editora Objetiva, 2002.

MACHADO, A. M. *Texturas : sobre leituras e escritos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, A. M. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, A. M. *De fora da arca*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

MACHADO, A. M. *A Expansão da Literatura Infantil*. In: BASTOS, Dau (org.). *Ana & Ruth*. Rio de

Janeiro: Salamandra, 1995.

MACHADO, A. M. *Do outro lado tem segredos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

MACHADO, A. M. *Era uma vez um tirano*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

MACHADO, A. M. *Bisa Bia Bisa Bel*. São Paulo: Salamandra, 1982.

MACHADO, A. M. *História meio ao contrário*. Ilustrações: Humberto Guimarães. 22 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1978.

PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

Diana Navas

Coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP e graduada em Letras pela Universidade do Grande ABC. Atualmente, coordena e ministra aulas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, e também nos cursos de graduação da Faculdade de Tecnologia de São Paulo.

Gabriela Trevizo Gamboni

Graduação em Letras/Lingua Inglesa e Espanhola (UNIFAFIBE), Especialista em Literatura e Crítica Literária (PUCSP), Mestre e Doutora em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professora da Educação Básica II na Rede Estadual de Ensino de São Paulo desde o ano de 2009 nas disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa, Literatura e Produção Textual.

Recebido em 20/01/2022.

Aceito em 15/03/2022.